



REINO UNIDO

De volta ao poder

Trabalhistas obtêm vitória esmagadora nas eleições legislativas e conquistam a maioria absoluta no Parlamento britânico, depois de 14 anos de domínio conservador. Keir Starmer, líder do partido opositor, deve ser confirmado como novo premiê

» RODRIGO CRAVEIRO

Faltavam 12 minutos para o fechamento das urnas no Reino Unido, quando o primeiro-ministro conservador Rishi Sunak publicou uma mensagem, na rede social X, quase em tom de despedida: “As centenas de candidatas conservadoras e aos milhares de voluntários e aos milhões de eleitores: obrigado por seu trabalho duro, por seu apoio e por seu voto”. Depois de 14 anos de governo dos tories (Partido Conservador), o Partido Trabalhista retorna ao poder.

As pesquisas de boca-de-urna apontaram que a legenda de centro-esquerda comandada por Keir Starmer, o provável novo futuro premiê, obteve uma vitória esmagadora e conquistou a maioria absoluta da Câmara dos Comuns: 410 dos 650 assentos. Os conservadores teriam 131 cadeiras, no pior resultado em quase dois séculos. “Foi um massacre”, resumiu a ex-líder dos tories na Escócia Ruth Davidson.

Caso as sondagens se confirmem, os trabalhistas ficarão com mais do que o dobro dos 202 assentos do Parlamento ganhos em 2019 pelo partido. “A todos que trabalharam na campanha pelos trabalhistas nesta eleição, a todos que votaram em nós e depositaram confiança em nosso Partido Trabalhista transformado: obrigado”, escreveu, por sua vez, Starmer, 14 minutos depois de Sunak, também na rede X. A última vez em que os trabalhistas estiveram no governo foi com Gordon Brown, entre 2007 e 2010. Ele foi antecedido por outro trabalhista, Tony Blair, que liderou o Reino Unido de 1997 a 2007.

O partido anti-imigração Reform UK teve desempenho pouco bem melhor do que o esperado, ao conquistar 13 assentos. “É um terremoto político”, comparou Ben Habib, vice-líder da legenda. O Partido Nacional Escocês (SNP) foi a grande decepção das eleições: teve apenas 10 cadeiras contra 48 no pleito de 2019. Segundo as projeções, o conservador Jeremy Hunt tornou-se o primeiro ministro das Relações Exteriores britânico da era moderna a perder o assento no Parlamento.



Keir Starmer, líder do Partido Trabalhista, chega acompanhado da mulher, Victoria, a um centro de votação, em Londres: façanha histórica

Em entrevista ao **Correio**, Andrew Blick — diretor do Departamento de Economia Política do King's College London — avaliou que a vitória histórica dos trabalhistas se deve principalmente à impopularidade dos conservadores, depois de “desastres repetidos”, nos governos dos premiês Boris Johnson, Liz Truss e Rishi Sunak. “Parece que houve um voto tático em larga escala, com os liberal-democratas entre os beneficiários. Vale registrar o aparente sucesso do Reform UK, partido da direita populista que produzirá impacto no cenário político do Reino Unido. Parece ter sido uma das piores performances dos conservadores na história, senão a pior, e uma grande vitória dos trabalhistas, mesmo que com uma partilha de votos menos impressionante”, disse.

Anthony Glees, professor emérito da Universidade de Buckingham, disse à reportagem que a vitória avassaladora dos trabalhistas é, em parte, produto do sistema eleitoral do Reino Unido. “Também se trata de



O premiê conservador Rishi Sunak a caminho do voto, em Kirby Sigston, no norte: pior resultado dos tories em quase dois séculos

um voto contra os tories. Os britânicos não caem de amor por Starmer ou pelos trabalhistas, mas odeiam Sunak e os conservadores. Os votos para o Reform UK podem provocar uma ‘guerra civil’ entre os tories”, advertiu. Ele crê que Starmer poderá fazer muito em seu governo, respaldado pela ampla maioria. “Em um futuro imediato, espero estabilidade, não fogos de artifício.”

Durante a campanha, Starmer reposicionou o partido mais ao centro e anunciou que, caso chegue à 10 Downing Street, buscará uma gestão cuidadosa da economia, focada em um plano de crescimento a longo prazo. Uma das metas dos trabalhistas será fortalecer os serviços públicos, principalmente o serviço de saúde. “O importante é fazer a economia crescer

criar riqueza”, declarou nesta semana. Para analistas, o Partido Conservador paga por vários erros cometidos nos últimos quatro anos: o divórcio da União Europeia (Brexit) em 2020 e suas consequências para a economia; o gerenciamento da pandemia da covid-19; o encarceramento no custo de vida; e um sistema público de saúde debilitado.

Na tentativa de evitar um desastre, Sunak contou com o apoio de Boris Johnson. Ontem, enquanto os 46 milhões de eleitores iam às urnas, o premiê apelava para a retórica do medo. “Se vocês derem um cheque em branco para Starmer e para os trabalhistas, não conseguirão pegá-lo de volta. Votem por impostos mais baixos. Votem nos conservadores”, pediu Sunak, em vídeo divulgado na internet.

Personagem da notícia

Ascensão rápida

Em apenas quatro anos, o ex-parlamentar Keir Starmer conseguiu firmar sua liderança dentro do Partido Trabalhista e levar a legenda de esquerda a 10 Downing Street. O político de 61 anos sucedeu Jeremy Corbyn, defensor de uma ideologia mais à esquerda, na chefia do partido, em abril de 2020, depois de um fiasco trabalhista nas eleições legislativas de 2019. Starmer mudou os rumos do partido, tornando-o menos radical, o que o levou a subir nas pesquisas de popularidade.

O provável novo premiê entrou pela primeira vez no Parlamento britânico em 2015, também pelo Partido Trabalhista, depois de ter sido eleito pelos bairros londrinos de Holborn e Saint Pancras. Tinha apenas 52 anos em sua estreia na política. A ambição de voar alto ficou clara desde o início, quando era perguntado sobre como gostaria de ser lembrado. “Como alguém que teve um governo trabalhista ousado e reformista. Como um grande pai e amigo”, resumiu em entrevista.

Advogado de grande reputação, conheceu a mulher, Victoria, com quem tem dois filhos, por motivos de trabalho — ela também se dedica à advocacia. O sobrenome Starmer tem origem no nome de uma pessoa cuja personalidade ou aparência lembra uma estrela (“Star”, em inglês). Depois de quase uma década e meia de domínio conservador, Starmer é a nova estrela do Partido Trabalhista.

ESTADOS UNIDOS

Trump se silencia e Biden tenta salvar campanha

Mais uma vez, o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, 81 anos, reconheceu a atuação desastrosa no duelo com o republicano Donald Trump, em 27 de junho. “Eu me comportei mal em um debate”, afirmou, durante entrevista a uma emissora de rádio local de Wisconsin. “No entanto, 90 minutos no palco não apagam o que fiz durante três anos e meio”, acrescentou. A Casa Branca informou que o líder democrata foi examinado por seu médico dias depois do debate, enquanto se recuperava de um resfriado. Ao responder a um comentário de um apoiador, durante celebração na Casa Branca pelo Dia da Independência, Biden avisou: “Não vou a lugar nenhum”.

Na quarta-feira, ele tinha se reunido com governadores de seu partido, os quais teriam mostrado unidade em torno da candidatura e descrito o encontro como uma conversa aberta, honesta e franca. O presidente confirmou aos governadores que está com “fadiga”. Fontes disseram à rede CNN que Biden prometeu

não mais estar presente em eventos após as 20h e “dormir mais”.

Apesar de Trump não se pronunciar publicamente sobre a condição do adversário, um vídeo obtido pelo site *Daily Beast* mostrou o magnata despejando insultos contra Biden, após uma partida de golfe. “Biden está desistindo da corrida. Eu o tirei. Ele é uma pilha velha de lixo quebrado. Agora, temos Kamala (Harris). Ela é tão ruim”, diz o ex-presidente nas imagens, enquanto anda em um carrinho de golfe. Hoje, o líder democrata terá uma prova de fogo: participará de um comício de campanha, em Madison, no estado-chave de Wisconsin, quando tentará convencer a opinião pública de que está apto a mais quatro anos de mandato.

Vice-diretor da Faculdade de Política, Segurança e Assuntos Internacionais da Universidade da Flórida Central, Aubrey Jewett acredita que Biden manterá sua nomeação dentro do Partido Democrata. “Seria algo sem precedentes um abandono de campanha tão tarde. Em 1968, o então presidente Lyndon



Johnson decidiu não disputar a reeleição, mas fez o anúncio no fim de março, o que permitiu ao partido tempo suficiente para escolher outro nome”, afirmou ao **Correio**. “Biden enfrenta pressão para deixar a corrida à Casa Branca por parte de um número crescente de democratas. Se ele for capaz de participar de vários eventos públicos e entrevistas e parecer apto, capaz e coerente,

com o tempo, o clamor pela renúncia à candidatura vai desaparecer. No entanto, se ele tiver um ou dois problemas, em que pareça excessivamente velho, o pedido de renúncia poderá atingir um nível febril, impossível de ser ignorado.”

Segundo Jewett, mesmo que Biden desista, a maioria das pesquisas sugerem que outros democratas não teriam

desempenho melhor contra Trump. “Um candidato mais jovem e mais vigoroso poderia agitar a corrida eleitoral e colocar um freio no argumento mais poderoso dos republicanos: o de que Biden é velho demais para o segundo mandato. Acho que o nome mais provável para substituí-lo seria o da vice Kamala Harris. Na condição de afro-americana, ela poderia obter apoio entre os eleitores negros, que normalmente votam nos democratas, mas poderiam considerar seriamente avaliar Trump.”

Em relação a potenciais substitutos de Biden, Jewett cita os governadores Gavin Newsom (Califórnia); Gretchen Whitmer (Michigan); J.B. Prizker (Illinois); e o secretário dos Transportes, Pete Buttigieg, que fez sólida campanha contra Biden pela indicação democrata, em 2020. (RC)

Eu acho...

Arquivo pessoal



“Os democratas não deveriam estar em pânico, mas preocupados. Biden pareceu velho e incoerente em muitos pontos do debate e isso pode colocar fim às chances de reeleição. As pesquisas mostram que a disputa entre ele e Trump está acirrada, mas o republicano ganhou terreno desde o duelo na tevê. Os democratas precisam decidir rapidamente sobre se darão apoio total a Biden e criar uma estratégia para convencer o eleitorado. Se Biden desistir, precisa fazê-lo o quanto antes, para permitir ao partido encontrar outro candidato e começar uma campanha por votos.”

Aubrey Jewett, vice-diretor da Faculdade de Política, Segurança e Assuntos Internacionais da Universidade da Flórida Central